

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES  
INDÍGENAS  
HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA

**LETÍCIA DA SILVA ORUÊ**

**Os Problemas da Infraestrutura da Escola EMPI Três  
Palmeiras**

Aldeia Guarani Boa Esperança/ES

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES  
INDÍGENAS  
HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA

**LETÍCIA DA SILVA ORUÊ**

**Os Problemas da Infraestrutura da Escola EMPI Três  
Palmeiras**

Percurso Acadêmico apresentado no âmbito do Curso de Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas, habilitação em Matemática, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

**Orientadora:** Shirley Miranda

Aldeia Guarani Boa Esperança/ES

2018

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que me apoiaram durante todo o processo da minha formação nesse curso, especialmente ao Nhãderú Tupã, a quem devo a minha existência.

A minha família que sempre me apoiou nos estudos. A minha querida amiga Raiane Benites Samaniego, por sempre ter me incentivado e compreendido nos momentos difíceis. A orientadora Shirley Miranda e a minha professora Vanessa Tomaz por estarem sempre presente no decorrer dessa jornada e pelo papel fundamental que tiveram na elaboração deste trabalho. Aos meus colegas pelo companheirismo. A comunidades de Boa Esperança, Três Palmeiras e Piraquê-Açu. Aos professores e diretor da escola EMPI Três Palmeiras que tiveram papel importante neste trabalho.

Agradeço, principalmente, a minha querida mãe e meu esposo que sempre esteve presente e me apoiando durante todo o tempo desse curso. Obrigado!

## **RESUMO**

Este trabalho é sobre os problemas de infraestrutura da escola Três Palmeiras, localizada na aldeia Guarani Três Palmeiras, em Aracruz, no Espírito Santo, onde relato as condições em que os alunos e professores estudam e trabalham. Também, discuto sobre as circunstâncias que desencadeou a construção de um prédio escolar que funciona nossa escola. Por meio deste estudo, busco explicitar a necessidade de buscarmos uma forma de ajudar a melhorar as condições de infraestrutura para favorecer o ensino-aprendizagem das crianças indígenas que essa escola atende, assim procurando conhecer nossos direitos. A metodologia de pesquisa que usei foi entrevistar professores e lideranças e observar a estrutura da escola. Concluo que apesar de ter muitos problemas de infraestrutura, algumas coisas melhoraram com o tempo. Além disso, que as empresas e a forma que os Juruá (não indígenas) lidam com os indígenas interferem muito para aumentar os problemas que enfrentamos para a manutenção da nossa escola.

**Palavras-chave:** Condições de infraestrutura; Aldeia Guarani Três Palmeiras; Escola Municipal Pluridocente Indígena Três Palmeiras.

## LISTA DE FOTOS

Fábrica de Celulose Fíbria (Antiga Aracruz Celulose) .....	9
Plantação de Eucalipto em Terras Tupiniquim .....	10
Eucaliptos na estrada que passa por dentro da aldeia - em Terras Tupiniquim .....	10
Mapa das aldeia Guarani - A linha vermelha mostra por onde o gasoduto passa .....	11
Escola de Boa Esperança (2015) - Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena (CONEEI) – etapa regional sudeste .....	12
Escola de Três Palmeiras (escola velha) .....	14
Fotos da Escola Nova .....	18/19
Fotos do primeiro seminário para professores e educadores indígenas do PROLINDI/UFES – Aldeia Pau Brasil .....	27

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	6
APRESENTAÇÃO DAS ALDEIAS E ESCOLA .....	7
A ESCOLA NA ALDEIA BOA ESPERANÇA .....	11
CAPÍTULO 1: A ESCOLA VELHA DA ALDEIA TRÊS PALMEIRAS .....	14
CAPÍTULO 2: A ESCOLA NOVA DA ALDEIA TRÊS PALMEIRAS .....	18
CAPÍTULO 3: AS ENTREVISTAS .....	21
SEMINÁRIO DOS SABERES INDÍGENAS NA ALDEIA TUPINIQUIM DE PAU BRASIL .....	25
CONCLUSÃO .....	28

## INTRODUÇÃO

No estado do Espírito Santo, os guarani são Mbya<sup>1</sup>, nhãdewa e kaiowá vivem no município de Aracruz, litoral norte do Estado. A população guarani aldeada reside em territórios tupinikim e guarani de Caieiras Velhas I e II, nas aldeias de Boa Esperança, Três Palmeiras e Piraquê-Açú.

O grupo guarani que chegou ao Espírito Santo, em 1967 era formado por uma líder espiritual chamada Tatãtxi Ywa Rete. Os guarani começaram a se deslocar da região do Paraguai porque foram pressionados pelos fazendeiros, plantadores de erva-mate e os índios foram obrigados a sair de sua região em busca de novas Terras. Foram para o Rio Grande do Sul, onde Tatãtxi Ywa Rete nasceu e, por volta de 1940, após a morte de um parente, o grupo decidiu-se mudar. Partiram para várias aldeias de São Paulo, onde permaneceram cinco anos. Depois foram para o Rio de Janeiro até chegar ao Espírito Santo em 1967.

Meu nome é Ara Poty, sou indígena da etnia guarani e acadêmica do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Universidade Federal de Minas Gerais. Nasci no dia 10 de novembro de 1995 na aldeia Boa Esperança (Tekoá porã), localizada no município de Aracruz/ES. Em português meu nome é Letícia da Silva Oruê, filha de Leonel Oruê e Araci da Silva, somos no total em quatro irmãos, sendo um homem e três mulheres. Desde que nasci vivo na mesma aldeia indígena.

Sou professora, iniciei a lecionar neste ano de 2018, na Escola Municipal Pluridocente Indígena Três Palmeiras. Dou aula para alunos do 4º e 5º ano do ensino fundamental multiseriado.

Escolhi o tema da infraestrutura da escola, pois desde o início do curso meu interesse foi tentar, de alguma forma, melhorar a infraestrutura da escola onde eu estudei na aldeia. Sempre quis ajudar na melhoria da aprendizagem educacional dos alunos dessa escola, começando pelas condições do prédio, pois as crianças e professores necessitavam primeiramente de um lugar digno

para estudarem e trabalharem. Muitas vezes, os alunos ficavam desmotivados de irem à escola por causa do prédio ser “feio”.

Ao longo do curso também percebi que há poucos estudos relacionadas a infraestrutura das escolas indígenas. Isso fez com que eu tivesse mais interesse em pesquisar sobre a opinião dos professores e liderança das comunidades mais próximos, em relação a infraestrutura da nossa escola.

## **APRESENTAÇÃO DAS ALDEIAS E ESCOLA**

A escola Municipal Pluridocente Indígena Três Palmeiras fica localizada na aldeia Três Palmeiras, situada no município de Aracruz, Espírito Santo, onde também está a Fábrica de Celulose da Fíbria (antiga Aracruz Celulose). O impacto ambiental que ela causa as comunidades indígenas e ribeirinhas, afetam também no cotidiano das nossas crianças, que respiram o ar poluído que a fábrica produz. A plantação dos eucaliptos é responsável pelas secas de nascentes da nossa comunidade.

A monocultura de eucalipto causa danos ambientais irreversíveis nas aldeias, assim como o desmatamento da Mata Atlântica. Com isso, os poucos animais que ainda lá vivem saem para as estradas, vão para as cidades, e assim são mortos e ou atropelados. A produção de celulose polui o ar, e ainda tem um odor horrível. As plantações de eucalipto já secaram a maioria das nascentes das áreas indígenas.

Nós guarani, vivemos em perigo constante, pois nunca sabemos o que pode acontecer com a gente porque moramos próximo e caminhamos diariamente por cima dos gasodutos. Nem imaginamos e sabemos o perigo real. Mas nós sabemos que há sim, riscos! Foram os técnicos da própria empresa da Petrobras que falaram. Numa reunião que teve na aldeia Três Palmeiras.

No norte do Estado, a Aracruz usurpou 11mil hectares de terras indígenas retirando 8.500 mil famílias de seus locais de origem e restringindo seu acesso a água e alimentos. Por isso, os tupiniquim e guarani há anos lutam para proteger os seus territórios<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> <http://seculodiario.com.br/16221/10/impactos-da-aracruz-celulose-no-estado-sao-denunciados-em-mapa-mundial-de-conflitos-1>

A Aldeia Boa Esperança (Tekoa Porã) foi fundada no ano de 1978. Ela é formada por cerca de 40 famílias e mais ou menos 100 pessoas. O cacique atualmente é o Werá Kuaray (Antônio Carvalho). A aldeia possui 1700 ha de terra já demarcada junto da aldeia Três Palmeiras.

Aldeia Três Palmeiras (Boapy Pindo) foi fundada no ano de 1997, com o rompimento da aldeia de Boa Esperança, por discordâncias quanto à forma de organização política até então praticada. Havia discordâncias sobre a forma de encaminhar os projetos em parceria com a antiga Aracruz Celulose (hoje Fíbria) e com a Petrobrás. Esse projeto previa o repasse de recurso em função de danos ambientais causados pelo gasoduto que atravessa as aldeias e a plantação de eucalipto.

A Aldeia Piraquê-Açu (Peixe Grande) foi fundada no ano de 2006 e foi incorporada ao território indígena após uma discordância entre os indígenas e a Empresa Thothan Mineradora Marítima LTDA, que era uma empresa que explorava o litoral de Santa Cruz (pequeno distrito localizado no município de Aracruz, litoral norte do Espírito Santo). A partir da exploração desse conflito, que afetaria o território indígena que ali já existia, pois atingia diretamente o rio *Piraquê-Açu* e *Piraquê Mirim* que passam em torno das aldeias tupinikim e guarani.

Segundo a Linhares Sursursal, a empresa Thotham não poderia montar sua estrutura de desembarque de calcário em Santa Cruz. A revolta dos indígenas iniciou-se depois da quebra de acordo verbal da prefeitura com índios de que essa área permaneceria como uma Reserva Ecológica. Porém, a Prefeitura Municipal de Aracruz doou a parte da Reserva Ecológica dos Manguezais do rio *Piraquê-Açu* e *Piraquê Mirim* para a empresa Thotham.

Depois de vários debates e polêmicas sobre a questão do Rio *Piraquê-Açu*, foi assinado um decreto pelo secretário de estado para assuntos de meio ambiente, da SEAMA (Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Recursos Hídricos), Almir Bressan. O secretário argumentava que a área da Gamboa, como é conhecido o terreno onde a Totham pretendia instalar seu porto de desembarque de material, merecia um desenvolvimento mais harmonioso com o turismo ali da região.

Na aldeia Piraquê Açu, o espaço onde o lixo era abandonado ainda não tinha moradores. Passou a ter depois que trabalhadores que trabalharam na construção da pista de asfalto, a rodovia ES 0-10, acamparam no espaço que seria da aldeia. Houve essa luta de recuperação do espaço onde tinha trabalhadores e, depois da retomada, os indígenas foram morar inclusive no espaço do antigo lixão para resguardar seu território. Os lixos que ali eram abandonados foram levados para um aterro do município. A aldeia é formada por cercar de sete famílias e pouco mais de 16 pessoas. A aldeia possui 50,5 ha de terra. O cacique atualmente é o Pedro da Silva (mais conhecido como Karai Peru).

#### **Fábrica de Celulose Fíbria (Antiga Aracruz Celulose)**



Fonte: Foto disponível na internet

### **Plantação de Eucalipto em Terras Tupiniquim**



Fonte: Foto disponível na internet

### **Eucaliptos na estrada que passa por dentro da aldeia - em Terras Tupiniquim**



Fonte: Foto disponível na internet

### Mapa das aldeia Guarani - A linha vermelha mostra por onde o gasoduto passa



Fonte: Foto disponível na internet: Produzido pela autora

## A ESCOLA NA ALDEIA BOA ESPERANÇA

De 1995 a 1999, realizou-se o curso de magistério, destinado às etnias tupiniquim e guarani. Este curso contou com uma parceria entre diversos órgãos públicos e não governamentais, como o CIMI (Conselho Indigenista Missionário), a Pastoral Indigenista, a SEDU (Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo), a SEMED (Secretaria Municipal de Educação de Aracruz), o IDEA (Instituto para o Desenvolvimento da Educação de Adultos).

O curso era estruturado em duas etapas por ano, com disciplinas, como: ciências naturais, ciências sociais, artes, matemática, português, tupi e guarani. Ao final do curso formam-se 5 professores guarani, sendo 3 mulheres e dois homens e 32 tupiniquim. À época havia mais guaranis que poderiam fazer o

curso. Contudo, as mulheres tinham restrições para fazer o curso porque algumas estavam casadas e com filhos pequenos. E outros ainda não tinham a escolaridade exigida.

Em 2000, a prefeitura de Aracruz realizou um concurso público e foram aprovados dois guaranis, que passaram a exercer a atividade docente na aldeia de Boa Esperança. Essa escola funcionava num prédio que também funcionava como um posto de saúde e foi adaptado para funcionar a escola também. O posto de saúde foi alocado em outro prédio mais dentro da aldeia.

Do 1º ao 5º ano do ensino fundamental os estudantes são ensinados na língua materna pelos professores guarani. A partir do 6º ao 9º ano, os alunos são ensinados pelos professores tupinikim, que é a maioria. Nessa escola só tinha uma professora guarani exercendo na sala de aula. Que ensina na língua materna.

A escolinha da aldeia Boa Esperança tinha alguns problemas de funcionamento, como a falta de merenda e de água, e quando chovia molhava lá dentro, pois o prédio já era velho e os telhados nunca foram trocados. E também não tinha aula quando a escola era arrombada, por pessoas não indígenas desconhecidas, que roubavam o pouco alimento que lá tinha. Isso porque a escola é situada perto da estrada, não tinha vigilante e a escola não possuía muros.

**Escola de Boa Esperança (2015)**  
**Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena (CONEEI) – etapa regional sudeste**



Fonte: Arquivo pessoal de Uris Felipe Neres

Na foto acima, aparece o cacique Toninho falando no microfone. Nos cartazes são apresentadas algumas demandas das quais a comunidade queria para garantir uma educação digna e diferenciada na aldeia. Com a construção da escola nova, em 2016, a escola Boa Esperança foi desativada e todos os estudantes foram transferidos para a escola Três Palmeiras.

Neste trabalho discuto a infraestrutura da escola Três Palmeiras recém construída. Essa escola foi construída por demanda da comunidade porque o prédio anterior era muito precário. A comunidade queria uma escola única, que fosse maior. A escola fica no limite entre a aldeia Piraquê-Açú e Três Palmeiras num terreno que é cortado pela estrada que vai para Caieiras, aldeia Tupinikin.

Os professores guarani e tupinikim dizem que a nova escola melhorou consideravelmente em relação a infraestrutura, comparando com a escola velha. Porém na fala de todos eles, dizem que a escola precisa ser equipada, pois não tem internet, tem sala de laboratório e biblioteca, mas não tem equipamentos, livros, mobílias adequadas para as salas em geral.

A nova escola hoje em dia fica mais afastada do centro da aldeia, que com isso melhorou as aulas, pois com as visitas turísticas e reuniões da comunidade na cabana, onde é o centro, atrapalhava os alunos nos estudos. Porém com esse afastamento, sente-se um pouco afastado também da

presença dos mais velhos da aldeia, que antes iam muito visitar a escola para dar conselhos aos alunos e professores. Hoje em dia, eles não aparecem com tanta frequência na escola como antes devido à distância.

## **CAPÍTULO 1: A ESCOLA VELHA DA ALDEIA TRÊS PALMEIRAS**

A escola Três Palmeiras surgiu no ano de 2006, não tinha uma sala quando começou, as atividades aconteciam no centro da aldeia, em uma cabana. Mas como tinha muitas interrupções e distrações nos momentos das aulas, por causa de reuniões que também aconteciam na cabana, e visitas turísticas, uma moradora (Dona TERESA), que tinha uma casa desocupada, cedeu a casa para que ali funcionasse uma sala.

Dona TERESA, que é mais conhecida como Comadre, sempre teve essa preocupação de estar presente na escola, observando as crianças, as aulas, dando conselhos aos alunos e professores, aliás, é uma das mais velhas que sempre visitam a escola.

No ano seguinte, 2007, a escola conseguiu duas salas por definitivo, que funcionou até a nova escola ser inaugurada. A escola velha não tinha biblioteca, sala de laboratório, quadra de esporte, não tinha acesso à internet, apesar de ter tido computadores que estragaram com o tempo. Na escola Três Palmeiras há sete professores, sendo que são três guaranis e quatro tupiniquins.

**Escola de Três Palmeiras (escola velha)**



Fonte: Arquivo pessoal de Mauro Luiz Carvalho (2016)

Como ex-aluna da escola, vou falar um pouco sobre a escola velha. Comecei a estudar nessa escola no ano de 2006, na 5ª série. Começamos os estudos numa cabana, depois mudamos para a casa cedida por dona YRY. Essa casa tinha dois cômodos, porém um ainda estava em construção, mas mesmo assim, começamos a estudar na outra parte. Com o passar do tempo, a prefeitura construiu uma sala, e para lá mudamos, pois o prédio era melhor para os estudos. Era mais arejado e tinha um pouco mais de espaço, Comparado com a casinha. Foi construído também um refeitório, que mais tarde foi utilizado como outra sala. Porque o prédio ficou pequeno para muitos alunos na época.

A escola era boa, porém tinha alguns problemas, a falta d'água e merenda e em dias de chuva não tinha aula, porque molhava dentro das salas. E as estradas ficavam com muita lama e nós não íamos pra escola. Apesar de que, os problemas da lama até hoje tem.

Estudei nessa escola até 2009, quando terminei o ensino fundamental II. A partir do ano seguinte, comecei a estudar o ensino médio na cidade, num bairro próximo da aldeia, e em 2011 terminei o ensino médio.

Minha experiência no primeiro ano na escola não indígena foi muito doloroso. Pois eu nunca havia saído da aldeia a não ser com meus pais, claro que eu já tinha contato com os Juruá (não indígenas) na venda de artesanatos, que desde crianças nós saímos pra vender nossos artesanatos. Saíamos no sentido de sair de casa, não da nossa aldeia. Como a aldeia fica do lado da BR, temos uma cabana onde expomos nossos artesanatos pra venda.

Nos primeiros dias de aula eu não falava com ninguém, nem com a professora. Eu só copiava e respondia as questões e que ela passava no quadro. Apesar de ser inteligente, eu tenho muita vergonha, e também tinha medo ou receio de falar com meus colegas de sala. Eles tinham um comportamento tão diferente de nós que morávamos na aldeia. Bagunçavam tanto na sala, não escutavam os professores. Isso tudo me assustou mais ainda. Sem dizer dos alunos que me olhavam dos pés à cabeça, como se eu fosse um bicho. E outros, que toda hora vinha me perguntar como era tal palavra em guarani. E eles só queriam aprender palavras... Com isso tudo, fui me fechando cada vez mais para me aproximar de outras pessoas.

Mas com o passar do tempo e conversando com meus pais, fui tentando entender essas diferenças. Que assim como para mim foi algo novo estudar numa escola fora da aldeia, para eles também era algo novo ter indígenas na escola "deles". Mas eu nunca me acostumei com esse jeito dos Juruá não. No último ano do meu ensino médio, eu já estava fazendo um curso de almoxarifado e estagiando no correios.

Então, eu digo que superei meus medos e as diferenças dos outros. Na vida tudo passa. Aprendemos a vida a cada momento. Aprendi também que o mundo não era só ali na aldeia. O mundo, a vida, é muito mais do que aquele espaço que estamos acostumados a viver. Que temos que abrir os horizontes, mas sem nos esquecer dos nossos deveres e costumes, o viver guarani. Como diz o grande KANATXÍO: Um pé no chão da aldeia, e um pé no chão do mundo.

Quando escolhi o tema da minha pesquisa, foi pensando em como eu poderia ajudar na melhoria da aprendizagem dos alunos na velha escola. Tendo como assunto a infraestrutura, que era um problema que nos

prejudicava muito, por exemplo, faltava água constantemente, apesar da água ser encanada, entre outros aspectos.

Como a escola ficava no morro, a explicação dos responsáveis pelo saneamento de água diz é que a bomba que bombeia água para todo o município é muito fraca. Por isso, faltava água na escola e para os moradores da parte de cima da aldeia.

E também o odor insuportável do esgoto que quando enchia, vazava pelo quintal da escola, uma vez que o esgoto era fossa. E o caminhão que vem recolher, só vinha quando ligava para a prefeitura para agendar o dia que o caminhão sugador estivesse disponível para ir fazer o trabalho.

Outro problema, era a localização da escola, ela ficava no centro da aldeia de Três Palmeiras, onde havia muita circulação de pessoas que atrapalhava muito na aprendizagem e tirava muito a atenção das crianças. Piorava quando tinha visita de turistas, que interrompiam as aulas. E os professores tinham que liberar os alunos, pois alguns alunos faziam parte do coral guarani da aldeia e por isso tinham que se apresentar para os turistas, outros corriam pra sua casa para pegar os artesanatos dos pais para expor e vender na cabana. E a poeira também atrapalhava, porque sujava os materiais da escola.

## **CAPÍTULO 2: A ESCOLA NOVA DA ALDEIA TRÊS PALMEIRAS**

A Escola Municipal Pluridiocente Indígena Três Palmeiras foi inaugurada no ano de 2016. O prédio, que está situado na área que era o lixão, possui quatro salas de aula, uma sala dos professores, uma sala da secretaria, uma sala do diretor, uma sala de laboratório, uma biblioteca, uma sala de despensa, dois banheiros dos professores, dois banheiros dos alunos que possuem seis vasos sanitários em seu interior. Tem refeitório, cozinha e um banheiro dos funcionários. Tem área de estacionamento, possui cerca de grades e muros.

A água que chega lá é de saneamento básico, tem energia elétrica, o esgoto vai pra fossa. Tem uma área de lazer, porém o espaço é pequeno, por isso as crianças na maioria das vezes preferem brincar do lado de fora da escola. Ainda não tem quadra de esportes.

A escola tem um pequeno acervo de livros na biblioteca. Na sala do diretor tem um computador, porém sem acesso à internet. Na secretaria tem uma máquina de tirar xerox e um computador.

### **Fotos da Escola Nova**



Fonte: Arquivo pessoal de Uris Felipe Neres

Na parte da manhã só são usadas duas salas de aulas, com as turmas do 1º ao 5º ano. A professora Aciara Carvalhoé Guarani, é quem dá aula para

as turmas do 1º ao 3º ano. No total ela tem 25 alunos, com idades entre 7 a 10 anos: 13 alunos no 1º ano, 7 alunos no 2º ano e 5 alunos no 3º ano.

Para as crianças do 4º e 5º ano sou eu quem estou dando aula atualmente. Tenho 13 alunos: 4 alunos no 4º ano e 9 alunos no 5º ano, com idades entre 10 a 13 anos.

Na parte da tarde, no turno vespertino, funcionam as duas outras salas, com as turmas do 6º ao 9º ano. No total há 29 alunos: 8 alunos do 6º ano, 7 alunos do 7º ano, 9 alunos do 8º ano e 5 alunos no 9º ano. Os professores que dão aulas na parte da tarde são 5 tupinikim e 2 guarani.

Apesar da educação escolar indígena ter melhorado no prédio da nova escola, alguns problemas continuaram, como a falta da merenda; quando chove as crianças tem difícil acesso a escola por causa da lama; e o carro que traz os alunos de outra aldeia mais distante, não consegue ir buscar os alunos e nem chegar na escola.

Em periodo de chuva, as vezes a escola fica alguns dias sem aula. Todavia, quando os alunos comparecem, outro problema continua: a ausência de local adequado para as crianças brincarem, pois não temos quadra de esportes na escola.

A cultura guarani é expressada no dia a dia da escola também, através dos cantos guarani, que até tem um coral formada pelos próprios alunos, do 1º ano até o 9º ano. A cultura está presente nos desenhos, nas visitas dos mais velhos que vão à escola para dar conselhos, contar histórias. Está na fala, no jeito de se comunicar. Na escola os alunos não gostam de fazer a semana cultural em comemoração ao dia do índio, que é comemorado todo ano no mês de abril, porque eles já se autorreconhecem como indígenas e não sentem necessidade de afirmar isso para os Juruá.

### **CAPÍTULO 3: AS ENTREVISTAS**

Como apresentei no capítulo anterior, o novo prédio da escola é melhor que o anterior, mas ainda possui muitos problemas que dificultam a educação indígena. Para discutir esses problemas realizei entrevistas com três professores da escola, sendo uma guarani e dois tupinikim; o diretor da escola; uma liderança e uma moradora. A seguir trago a opinião de cada um a respeito dos problemas de infraestrutura.

A metodologia de pesquisa utilizada foi entrevistas, buscando saber a opinião dos professores e lideranças em relação ao assunto que propus. Também observei a convivência e diálogo da escola, lideranças e comunidade, consultei reportagens e fiz conversas informais. Fiz perguntas que poderiam me ajudar na pesquisa, como: Na sua opinião em relação à educação e a infraestrutura da escola Três Palmeiras, depois da construção da nova escola, melhorou? Ou não melhorou? Por quê? Falta mais alguma coisa na escola? O que? A construção da escola nova está adequada à cultura indígena? Qual sua visão sobre a relação de funcionamento e a distância da escola nova? A comunidade e a escola caminham junto em busca de seus interesses?

Leidiane de Souza Sezinando, 34 anos, Tupinikim, trabalha na EMEFI (Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena) Caeiras Velhas, e EMPI

Três Palmeiras, atuando do 6º ao 9º ano, com a disciplina de geografia. Ela é graduada em Ciências Sociais na UNEMAT (3º grau indígena, turma pioneira) e pós-graduada em Educação do Campo pela UFES. Segundo Leidiane, em relação a infraestrutura, a escola melhorou muito, porém falta equipar o que existe. Por exemplo, faltam computadores para os alunos pesquisarem; falta internet para os alunos e professores, uma vez que os diários são digitais; falta equipar sala de laboratório. Outra questão é a falta de funcionário para tornar mais eficaz a biblioteca e também faltam livros na biblioteca, pois seu acervo é pequeno.

Leidiane destaca que como a escola é um pouco afastada, sente que a presença dos pais e comunidade em geral diminuiu no dia a dia da mesma:

A escola nova facilitou o nosso trabalho no sentido de agora acomodar melhor os estudantes, tem espaços pra eles fazerem os trabalhos coletivos, o quadro é bem melhor. A escola ficou mais higienizada. Porém, como ficou um pouco afastada do centro e com as cercas, muitos pais não vão mais a escola como sempre iam. Normalmente, ficavam na janela ou entravam na sala pra assistir a aula ou pra observar algo. (Leidiane, entrevista para a autora).

A entrevistada diz que não vê problema na estrutura do prédio, a não ser as janelas, que na sua opinião impedem o vento natural de circular melhor. O projeto da escola, ou seja, a definição do local e a arquitetura, foi feito junto com a comunidade, “então, se a comunidade assim quis, então não vejo o que poderia se opor a educação escolar específica e diferenciada” (Leidiane, entrevista para a autora). Destaca que o acesso a escola ainda continua ruim, pois é necessário a prefeitura manter sempre em boas condições a estrada que dá acesso, principalmente em dias de chuva.

A entrevistada Ywa'i Rete (Aciara Carvalho), tem 38 anos, é guarani, Educadora-alfabetizadora na língua guarani. É concursada desde 2000, no magistério indígena, com formação para assumir as séries iniciais. É estudante do PROLInd da UFES.

Segundo Aciara, em relação ao ensino-aprendizado, de um lado melhorou muito, pois a unidade escolar era apenas construções improvisadas pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio), CIMI (Conselho Indigenista Missionário), pastoral indigenista do ano de 1999. Essas construções eram localizadas no centro das aldeias e “com a movimentação de turista dentro da

aldeia atrapalhava muito os momentos de aulas, pois eles chegavam de qualquer jeito invadindo salas de aulas, não respeitavam nossos momentos de suma importância no aprendizado dos nossos alunos” (Aciara, entrevista para a autora).

A construção atual está localizada há mais ou menos uns 800 metros do centro da aldeia. Esta escola atende cinco aldeias guarani do ensino fundamental I e II.

Mas devido termos saído do centro da aldeia, tivemos uma perda da presença dos mais velhos que sempre estavam ali por perto nos orientando nas aulas, dando conselhos para nós educadores e nossos alunos, porque isso para nós é bom, porque eles nos repassam os seus conhecimentos com frequência. Hoje em dia ficou um pouco mais distante para eles estarem com frequência em nossa escola, mas sempre que podem, eles estão prontos para nos orientar com nossos alunos. Mas hoje em dia estamos tranquilos em relação as aulas que são contínuas e podemos trabalhar a nossa cultura a partir de nossas realidades, sem que vem esses cortes ou melhor dizendo: invasões em nossa escola. (Aciara, entrevista para a autora)

Marinuzi de Souza Pêgo, 49 anos, tupinikim é educadora desde 2005, trabalha com as disciplinas de Língua Portuguesa e Inglesa nas EMEFI Caeiras velhas e EMPI Três Palmeiras, com as turmas de 6º a 9º anos. É formada em Secretariado Executivo pela FAACZ e Língua Portuguesa pela Faculdade Seravix/Multivix e tem pós-graduação em Gestão Escolar.

Marinuzi entende que em relação a infraestrutura, a escola nova melhorou consideravelmente, pois a anterior não tinha a estrutura que tem hoje:

Quando chovia não podíamos estudar, pois tudo molhava. O local também não ajudava, por ser no centro da comunidade, sempre havia interrupções das aulas por vários motivos; seja: visitas a aldeia, reuniões aos redores. (Marinuzi, entrevista para a autora)

Segundo ela, a escola nova proporciona além de conforto, um ambiente saudável, limpo, sem presença de animais transitando entre as salas, refeitórios adequados, banheiros, áreas de lazer, biblioteca, entre outros. Marinuzi considera que isso influencia no ensino-aprendizado das crianças, que se sentem motivados e seguras. Ela, assim como outras entrevistadas, reclama da necessidade de estruturar a biblioteca, com livros (literaturas variadas), mas entende que estas conquistas virão com o tempo.

Karai (Mauro Luiz Carvalho), 41 anos, guarani mbya tambeó pe. Trabalha desde 1998 como professor indígena de língua guarani, e a partir de 2013 foi indicado para o cargo de diretor, pela Secretaria Municipal da Educação do Espírito Santo (SEMED), e aprovado pelas comunidades guarani. Formado em Magistério Indígena Diferenciado, Faculdade de Pedagogia/Especialização pela UFES, Mestrado em Linguística em Guarani pela UnB. Morou na aldeia Boa Esperança desde seus dois anos de idade, nasceu na Fazenda Guarani, Carmésia-MG, quando os guarani foram transferidos pra lá forçadamente. Em 2002, casou-se com uma índia tupinikim de Caeiras Velhas e mudou-se pra lá, onde até hoje reside. Segundo ele, a educação melhorou, “pois os professores e alunos sentem mais orgulho de estar numa escola mais bonita, adequada e com espaço arejado” (Mauro, entrevista para a autora).

Para melhorar ele sinaliza a importância de acesso a internet, que não tem na escola e a construção de uma cabana em estilo indígena e áreas para esporte.

Kara'i Miri (Rodrigo da Silva), tem 26 anos, guarani é vice-cacique da aldeia Piraquê-Açu. Para ele, a escola “foi uma luta conquistada!”. Em sua entrevista ele disse:

A escola é grande, porém, o ensinamento não é adequado para nossos filhos. Porque o Estado e o Município têm um pouco de culpa nisso. A prefeitura não está se conectando com o nosso ensino diferenciado na preparação dos alimentos pra merenda, na fala, modo de viver tradicional. A comunidade não caminha junto com a educação dos alunos. Porque temos três aldeias próximas, Boa Esperança, Três Palmeiras, Piraquê-Açu e Olho D'água, mais distante. Jovens que terminam o ensino fundamental na escola guarani, depois é obrigado a estudar fora da aldeia. E tem alunos que não querem estudar fora. Precisamos do ensino médio na escola nova, para que nossos jovens não precisem estudar fora.

A infraestrutura não interfere em nada na nossa cultura, apenas diferenciar a cultura do índio do jurua (não indígena). O que nós precisa é de mais professores guarani. Nossa demanda é capacitar mais professores indígenas. (Rodrigo, entrevista para a autora)

Keretxú (Araci da Silva), 41 anos, moradora da aldeia Boa Esperança, disse que a relação da escola com a comunidade é distante, pois “a

comunidade também não procura nenhum diálogo com a escola para saber problemas de lá. Porque assim como eu, a maioria das pessoas da comunidade não sabem falar direito, não sabem se expressar” (Araci, entrevista para a autora). Para Keretxú, os caciques deveriam ter mais união com as comunidades e a escola. Ela reclama que não é mais como antigamente,

que quando tinha alguma coisa pra repassar pra comunidade, o cacique fazia reunião e chamava todos da aldeia para contar e explicar o que estava acontecendo na aldeia. E hoje, mesmo com a tecnologia, em vez de melhorar a comunicação, piorou” (Araci, entrevista para a autora).

## **SEMINÁRIO DOS SABERES INDÍGENAS NA ALDEIA TUPINIQUIM DE PAU BRASIL**

Nos dias 01 e 02 de fevereiro de 2018, participei do primeiro seminário para professores e educadores indígenas do PROLINDI (projeto de formação para os indígenas da UFES, Universidade Federal do Espírito Santo).

O seminário foi organizado para discursão e apresentação das diretrizes sobre a Educação e Política Indigenista com a palestrante Susana Grillo Guimarães.

No seminário foi apresentado quais são os direitos que os indígenas têm e que podem sim exigir seus direitos pela educação, respeitando seus costumes tradicionais. Pois os direitos estão garantidos pela lei. Mas, para isso, é necessário conhecer os tais direitos e buscar e lutar para garanti-los.

O seminário também foi para apresentar e distribuir os materiais didáticos, produzidos pelos professores tupiniquim e guarani que fazem parte do projeto saberes indígenas do Espírito Santo.

Durante a discussão sobre a educação indígena, ouviram se rumores sobre a situação da reivindicação dos indígenas sobre a petição do Ensino Médio para as aldeias. De que a SEDU que já tinha feito uma reunião juntamente com as lideranças de todas as comunidades, e que as lideranças já

havia aceitado dois polos para que já houvesse o funcionamento do ensino médio já este ano. E que esse polo teria funcionamento na aldeia Irajá, tupiniquim.

Como foi somente uma discussão levantada por rumores, foi convidado o líder tupiniquim Paulo Henrique Vicente, de Caeiras Velhas. Para tirar e responder as dúvidas sobre essa tal reunião que aconteceu sobre a questão do ensino médio e da implantação do polo na aldeia Irajá.

No segundo dia do seminário, o convidado compareceu para esclarecer os rumores do dia anterior. Então, ele disse que o Estado convocou sim as lideranças tupiniquim e guarani para verem a apresentação da proposta do Estado sobre a inclusão do ensino médio nas aldeias. Porém, o Estado propôs abrir polos, de início, até a construção de uma nova escola para o ensino médio. Mas o promotor da justiça, que acompanha o processo promovido pelos indígenas contra a SEDU, avisou que caso as lideranças aceitassem essa proposta, o processo movido contra o Estado seria arquivado, porque seria como se fosse um acordo, essa aceitação. E que provavelmente com esse acordo a nova escola não seria mais construída. Então, as lideranças tupiniquim não aceitaram a proposta da SEDU.

Porém, as lideranças guarani aceitaram a inclusão do ensino médio através de um polo que funcionaria na escola de três palmeiras. Pois tinham alunos que já terminaram o ensino fundamental II, e que pararam de estudar por conta de não querer ir estudar fora da aldeia, como tinha uma demanda, as lideranças guarani aceitaram.

Com isso teria dois polos, uma na escola de Três Palmeiras guarani, e outra na aldeia Irajá tupiniquim. E assim os alunos de Caeiras Velhas poderiam migrar pra qualquer uma das duas.

Contudo os professores presentes, não gostaram muito do que ouviram. E se formou uma nova discussão. Alguns falaram que não poderiam ter feito nenhum acordo, outros disseram que esses dois polos não tinham tamanho e nem condições de abrigar a demanda de alunos das aldeias, etc. Até que uma professora tupiniquim se levantou e falou que ela havia conversado com uma

representante do Estado, que também estava no seminário, porém só ficou uns 30 minutos, mais ou menos.

A professora perguntou para a representante, se era mesmo verdade que o Estado iria abrir polos para inclusão do ensino médio na aldeia até a construção de uma nova escola. Então, a mulher disse a ela que o Estado não tinha dinheiro para construir uma nova escola. Mas que estavam cogitando a hipótese de comprar um prédio desativado, que era alugada pela Darwin, que fica no bairro Coqueiral. E nesse prédio iria abrir a escola de ensino médio para os alunos indígenas.

Então, formaram-se mais discussões e perguntas, do tipo: Como que querem abrir uma escola para indígenas na cidade? Por que com o dinheiro que querem comprar o prédio, não usam para construir uma escola na aldeia?

Porém, já não tinha ninguém, representante do Estado, para responder essas perguntas.

Todavia, tinha uma representante da Prefeitura que disse não saber dessa demanda do Estado, que até aquele momento não teve nenhum diálogo entre a Prefeitura e o Estado. Contudo, não teriam como abrir polos, sendo que não tiveram nenhum diálogo, pois os prédios das escolas que abririam os polos, são escolas municipais. E assim essa discussão acabou.

No final do seminário os professores do Saberes Indígenas apresentaram e distribuíram seus livros didáticos, produzidos durante o projeto.

**Fotos do primeiro seminário para professores e educadores indígenas do  
PROLINDI/UFES – Aldeia Pau Brasil**





Fonte: Arquivo pessoal de Susana Grilo

## CONCLUSÃO

O objetivo geral deste trabalho de conclusão de curso é ajudar, de alguma forma, a comunidade a enxergar que nós como indígenas temos nossos direitos garantidos pela lei, de que temos direitos de exigir do governo a escola e educação que queremos, respeitando nossos costumes. Mas para isso, temos conhecer esses direitos constitucionais e direitos educacionais.

Conclui, através das entrevistas com professores e liderança e vivenciando no dia a dia, que apesar de a infraestrutura da escola nova ter melhorado bastante, e que isso ajuda bastante no trabalho dos professores, falta ainda várias coisas na estrutura da escola. E que em relação a aprendizagem das crianças, também melhorou, mas teve um afastamento da comunidade da escola, por causa da localização do novo prédio, e também perdeu um pouco do aprender com os mais velhos, pois eles não vão mais com tanta frequência como antes à escola.

No entanto, como na fala da liderança Rodrigo, que a infraestrutura precisa ser boa para o ensino sim, mas não interfere em nada na cultura indígena, apenas diferencia a cultura do índio do não índio.

Além disso, também conclui que, apesar de muitas mudanças, alguns problemas continuam, não só na escola como nas aldeias também: a falta de água; as estradas, que quando chove os alunos são orientados a não comparecerem à escola, pois as estradas ficam cheias de lama; o esgoto, que

mesmo tendo uma estação de tratamento em uma das aldeias, o esgoto dos banheiros da aldeia ainda vai pra fossa; o gasoduto que passa nas aldeias, por onde as crianças e carros transitam pra chegar na escola. Tudo isso infere direto e indiretamente no funcionamento da escola. Assim como, a falta de livros na biblioteca e a ausência de internet na escola e na comunidade. Mas, também, sabemos que aos poucos vamos conseguindo melhorias para nossas crianças e para escola.

Concluo, que apesar das mudanças que aconteceram, devemos continuar lutando para melhorar cada vez mais o ensino na nossa comunidade. E mostrar para sociedade não indígena que também somos gente e que conhecemos nossos direitos, e que iremos LUTAR SIM, HOJE E SEMPRE, por eles.

Na minha opinião, este trabalho vai contribuir para que as pessoas que não conhecem a nossa realidade passem a conhecer e refletir antes de nos julgar, sem mesmo saber a nossa luta e nossas demandas. E, agora como professora de educação básica e a partir do meu percurso estou mais engajada nessa luta.

#### FONTES DE PESQUISA:

- Comunidades das aldeias:  
Boa Esperança  
  
Três Palmeiras  
  
Piraquê-Açu.
- Lideranças.
- Professores.